

## Entrevista

Celina Márcia de Souza Abbade (PPGEL/UNEB)

### **YEDA PESSOA DE CASTRO: A MENINA DA BARROQUINHA 35**

Com intuito de fazer uma justa e merecida homenagem a quem sempre trabalhou pelo fim da discriminação nos estudos linguísticos em relação às línguas de matrizes africanas, a equipe do Pós-Crítica da UNEB Alagoinhas, me incumbiu a gratificante tarefa de entrevistar a Professora Yeda Pessoa de Castro a fim de relembrarmos sua trajetória científica no âmbito das africanias, daquela que foi intitulada pelos próprios africanos como o pesquisador brasileiro mais conhecido na África, trabalhando incessantemente desde 1961, com os falares africanos no português do Brasil.

Há quem diga que, aqui em Salvador “... passar a tarde em Itapuã, ao sol que arde em Itapuã, ouvindo o mar de Itapuã, falar de amor em Itapuã... é bom”. Mas, plagiando Caymmi, posso declarar que “...passar uma manhã no Jardim Armação, ao lado da professora Yeda na varanda, ouvindo histórias de sua vida, falar da África em Salvador... é ótimo”.

Filha de pais católicos, um funcionário público da Secretaria de Justiça e uma farmacêutica que abandonou a profissão para cuidar da família, a menina Yeda Antonina nasceu em um 03 de outubro na cidade de São Salvador, sendo criada na casa de número 35 da Barroquinha, em frente ao antigo Colégio São Salvador na Baixa dos Sapateiros. As férias passava na Fazenda da família materna em Feira de Santana na casa da tia Idalina Carneiro, casada com o coronel Hermínio Francisco Santos. Viajava com sua portadora, a negra Fortunata que vinha de Feira para buscá-la. Levavam de 4 a 5 horas para chegar, isso quando a marinete não quebrava. Lá em Feira, participava das rezas de benzimentos, ladainhas e não entendia muita coisa do que falavam. Passeava muito com Antônio marceneiro, filho de Fortunata que aos

domingos a levava para passear no Campo da Pólvora. Ele, de terno branco, ela no seu colo, pareciam São Benedito com o Menino Jesus no colo.

Da escola em que estudou na infância, o Colégio Nossa Senhora de Fátima localizado na rua da Independência em Nazaré, nunca esqueceu das palavras de D. Minervina, a diretora, uma senhora gorda e negra que sempre dizia: “Aqui é rua da Independência, casa da Liberdade, mas tem disciplina!”

De epiderme branca e alma colorida, foi criada próxima a muitos negros: Nelson Maleiro, um grande carnavalesco e figura marcante nos carnavais baiano da década de sessenta; Procópio de Ogunjá, o dono da quitanda no Gravatá; Raimunda Fadeira, que vendia doces em gamelas de madeira; Nagô Sapateiro, que tinha uma oficina de sapatos no Beco do Gravatá... Esses e tantos outros negros povoaram a sua infância e juventude.

E foi assim que, diante desses contatos com os negros, ela quis desde cedo entender a língua que “essa gente” falava.

Pediu ao mestre Nelson Rossi, tentou com a professora Joselice Macedo. Mas todos lhes diziam que a língua dessa gente não tinha mais nada a se estudar, tudo já havia sido dito. Só não sabemos onde...

Teimosa e persistente precisou sair do Brasil para pesquisar o que queria. E assim, com o Mestrado na Nigéria e o Doutorado no Congo, a professora Yeda Antonina Pessoa de Castro, pôde contribuir, mais do que qualquer brasileiro, para o estudo da formação da nossa língua a partir as contribuições negroafricanas.

Confesso que a entrevista foi um mergulho na cultura afro-brasileira e que passei um bom tempo sem saber por onde começar a expor tantas informações. Mas vamos a entrevista! E se prepare para se deliciar com o jeitinho meigo e alegre da Pró Yeda, ao responder nossas perguntas que são expostas aqui com a mesma leveza que envolve figura tão carismática e adorável.

### **1. Comente a “cultura popular e negra” na Bahia.**

Resp. *A Bahia é muito racista! A Academia é racista em se tratando de arte, a começar pela cultura: não existe cultura negra! A cultura não tem cor. Se existisse uma cultura negra, também teríamos uma cultura branca, uma amarela, uma verde... Se você tem um “não”, você precisa de um “sim”.*

## **2. Então, o que existe aqui se não temos essa “cultura negra”?**

Resp. *O que existe é uma cultura afro-brasileira. Essa discussão é muito antiga e provocada pelo professor Thales de Azevedo na Associação Brasileira de Antropologia. É uma visão colonialista e muito colonizadora. A nossa linguagem em relação à África, precisa ser contemporânea: os escravos que vieram para o Brasil, não eram escravos, eles foram escravizados pelo tráfico. Logo, eles não vieram, eles foram trazidos. O que existe é cultura afro-brasileira!*

## **3. Vamos a sua trajetória profissional: como a senhora se intitularia academicamente: linguísta, filóloga, antropóloga?**

Resp. *O que sacraliza um objeto, não é o objeto, mas a palavra. Ela é a argamassa da nossa identidade. Mas nós nos esquecemos disso na Literatura. A Linguística precisa de uma Antropologia, por isso sempre digo: me critiquem, mas não me confundam: eu sou etnolinguísta, nunca fui linguísta. Admiro muito a Linguística, mas eu não sou linguista. Posso até ser filóloga, dialetóloga, lexicóloga.... menos linguísta.*

## **4. E como se iniciou essa trajetória etnolinguísta?**

Resp. *Minha trajetória foi inspirada pelo professor Nelson Rossi na década de 50, através da Dialectologia durante a Graduação em Letras Anglo-Germânicas na UFBA. Com ele, participei das primeiras enquetes de elaboração do Atlas Linguístico da Bahia. Também tive contato com muitos negros na minha infância. Diante desses contatos, senti a necessidade de entender que língua “aquela gente” falava. Pedi ajuda ao professor Nelson Rossi para iniciar essa pesquisa. O mesmo me desanimou, dizendo que isso era um tema já resolvido,*

*que todo mundo já havia falado sobre isso, e nada mais havia para ser dito. Recorri então à professora Joselice Macedo, minha orientadora, juntamente com Olasope Oylaran, no Mestrado em Ciências Sociais também na UFBA. Mas ela me disse a mesma coisa: nada se tem para estudar desse tema. Não me conformei: e prometi provar-lhe que ainda se tinha muito o que se estudar sobre esses falares africanos na Bahia.*

**5. Conseguiu cumprir a promessa? Alguém acreditou nessa pesquisa posteriormente?**

*Resp. Sim, cumpri, mas não no Brasil, aqui ninguém quis falar sobre isso. Precisei ir para a Nigéria, na University of Ifé. Lá, fiz o Mestrado em African Languages em 1974. A dissertação foi feita em língua inglesa “The Religious Terminology and Everyday Speech: Vocabulary of an Afro-Brazilian Cult House” (Terminologia Religiosa e Falar Cotidiano: Vocabulário em uma casa de Culto Afro-Brsileiro). Essa pesquisa foi desenvolvida em uma casa de candomblé em Santo Amaro, aqui na Bahia, e eu estudei a língua do Golfo do Benim, o iorubá, língua distinta, constituída de vários falares regionais. No Doutorado, fui para o Zaire, na Université National du Zaire estudar as línguas do lado banto defendendo a tese “De l’integration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil” (Sobre a integração das contribuições africanas para os Falares Africanos na Bahia). Para ser validada no Brasil, a tese precisou ser traduzida e também orientada por Vivaldo Costa Lima. Essa tese se transformou no livro publicado em 2001 “Falares Africanos na Bahia”.*

**6. Em termos de contribuições para os estudos linguísticos do português no Brasil, em que suas pesquisas ajudaram uma vez que a senhora fez o Mestrado estudando o ioruba e o Doutorado estudando o banto?**

*Resp. Ajudaram a contribuir para desmistificar esse nagocentrismo, como Vivaldo Costa Lima chamava, existente na Bahia. Nessa época, tudo era iorubá, mas, na verdade, nunca se falou iorubá no Brasil. Quando eu retornei do doutorado ao Brasil, em 1978, o Jornal do Brasil inclusive fez uma reportagem comigo intitulada: “A redescoberta do banto no Brasil”.*

*Isso porque só se falava em nagocentrismo no Brasil, fora da Bahia. A tese comprovou que na Bahia também havia o nagocentrismo.*

### **7. E que línguas foram essas que chegaram ao Brasil e aqui na Bahia então?**

*Resp. No Brasil primeiro chegou o povo de línguas banto, oriundos dos atuais territórios do Congo e de Angola. São conhecidos por amplas denominações como “congós” ou “angolas”. Na verdade, até 1933 se pensava que no Brasil a influência linguística africana era apenas o banto. A única pessoa que falava um dialeto nagô era Olga de Alaketu.*

### **8. E o que ocorreu em 1933 que impulsionou esses estudos?**

*Resp. A publicação do livro de Nina Rodrigues “Os Africanos no Brasil”, atraindo pesquisadores internacionais que vieram para Salvador estudar os candomblés da Bahia que era tudo iorubá: Pierre Verger, Roger Bastide. Só então se conheceu a influência iorubá.*

### **9. E como esses iorubás chegaram aqui?**

*Resp. Foram trazidos para o Brasil nos fins do séc. XVIII, quando foram fundados os grandes terreiros de candomblé. Ficaram concentrados em Salvador em trabalhos urbanos e domésticos, todos próximos. Os diversos africanos trazidos do Golfo do Benim, em sua maioria iorubafones, faziam o comércio marítimo, trazendo na Nigéria panos, colares, búzios etc. para serem vendidos aqui. Os barcos vinham carregados de “produtos-da-costa” e retornavam com negros libertos para Lago, capital da Nigéria, que era o centro dos iorubás. Nesses produtos, estavam incluídos os produtos religiosos que favoreceram a fundação de diversos cultos, denominados na Bahia de candomblé. Os homens eram determinados para outros trabalhos - que não fossem domésticos - que ficavam a cargo das mulheres. Os trabalhos domésticos e a venda dos produtos exportados deram às mulheres condições de juntarem dinheiro para formarem os cultos religiosos. Esses cultos eram sustentados pelos produtos que vinham nos barcos das cidades de Lagos na Nigéria e eram vendidos aqui no Brasil.*

### **10. E a senhora, começou a estudar o iorubá desde quando?**

Resp. *Em 1961, no CEAO, quando se deu início ao primeiro curso de iorubá no Brasil e no qual eu estudei, juntamente com Stella de Oxossi e outros. Daí se começou a divulgar o termo “iorubá” no Brasil.*

### **11. E o que levou ao esquecimento do banto em detrimento do iorubá?**

Resp. *O prestígio socioeconômico dentro a comunidade e o prestígio social dos oeste-africanos. E desse prestígio, criou-se um mito na Bahia de que tudo era iorubá, vindo da Nigéria. A minha pesquisa no doutorado provou que não.*

### **12. A senhora pode explicar melhor os termos: iorubá e banto? Podemos falar em línguas?**

Resp. *Não, não são línguas, são grupos de línguas. Por isso, é errado dizer “candomblé banto”. Também não existe Império Iorubá, o que existe é o Império de Ioió. Esses termos foram criações de linguístas na segunda metade do século XIX. Diante da observação de semelhanças entre mais de trezentas línguas da África do Sul, um linguista alemão criou a palavra **banto**, de bantu ‘pessoas, gente’ para designar esse grupo linguístico pertencente ao povo dos atuais territórios de Congo e Angola. Já o termo **iorubá** foi criado por um linguista nigeriano. Vem de iarribá, do hauçá, uma alcunha para o povo de ioiό. Em 1876 foi criado o primeiro Vocabulário de língua iorubá e a partir de então o termo passou a ser utilizado.*

### **13. Já que estamos falando em termo, vamos ao nagocentrismo: explique melhor esse termo.**

Resp. *Os primeiros estudos do nagocentrismo foram criados por Vivaldo Costa Lima. “Nagô” é um termo genérico utilizado no Brasil formado a partir de “ànàgó”, nome utilizado pelos vizinhos das línguas que se formaram entre a Nigéria oriental e o Reino do Queto, no Benim oriental para as línguas do grupo iorubá. O dialeto nagô não era o iorubá, eram nomes de línguas de origem africana, mas lexicalizadas pelo iorubá. O iorubá na verdade é*

*um grupo de línguas distintas faladas nesse território limítrofe. Do termo “ànàgó”, surge a forma “nagô”, utilizada genericamente aqui no Brasil para esses povos.*

**14. Como a senhora foi para o exterior? Com algum projeto, bolsa ou foi por conta própria?**

*Resp. Tanto o Mestrado quanto o Doutorado, fiz através de programas de intercâmbio. As pessoas querem viajar para a Europa, mas ninguém quer ir para a África. Eu fui (risos).*

**15. Nos conte como foi essa aventura...**

*Resp. (risos) O Mestrado foi na Nigéria com as línguas do Golfo do Benim. A pesquisa foi realizada em uma Casa de Candomblé no município de Santo Amaro, aqui na Bahia. Iniciei em 1972 e conclui em 1974, enquanto cumpria uma missão do Itamaraty. Fui contratada como Leitora Brasileira em um intercâmbio de cooperação cultural e aproveitei para fazer o Mestrado.*

**16. E o Doutorado?**

*Resp. O Doutorado fiz no Zaire (atual República do Congo), de 1974 a 1976, por outro programa de intercâmbio também de cooperação cultural, Brasil/África. Nesse, a proposta era a de fazer o intercâmbio de professores, ou seja, os daqui iriam para lá e vice-versa. Ninguém daqui quis ir para a África... Eu fui!*

**17. A senhora também dirigiu o CEAO, não foi?**

*Resp. Sim, exatamente. O CEAO estava para ser fechado e fui convidada pelo Professor Roberto Santos a assumir a direção do Centro. Nesse intercâmbio em que realizei o Doutorado, havia sido proposta ao CEAO a fundação do museu afro-brasileiro. Fizemos o projeto, mas a fundação do museu só ocorreu em 1982, durante a minha direção. Isso, dez anos depois do projeto, por mim e pelo Reitor Macedo Costa. Nós conseguimos inaugurá-lo, mas parece que ninguém lembra disso.*

### **18. E quem fundou o CEAO?**

Resp. *O professor George Agostinho da Silva. Ele chegou ao Brasil, não exilado como muitos pensam, mas em uma missão da UNESCO: a de fundar um Centro de Estudos Asiáticos na América do Sul aqui na Bahia, com o Reitor Edgar Santos. O Reitor, por entender que estávamos em uma “cidade negra”, sugeriu que o Centro tivesse também uma parte dos estudos africanos. Daí o nome CEAO (Centro de Estudos Afro-Orientais). Inúmeras críticas foram feitas ao se colocar “afro” e não “africanos”. Logo o “afro” que hoje se utiliza tanto (risos). Mas ficou “afro” mesmo, inclusive todo mundo utiliza o ‘afro’. Nós somos afrodescendentes, não é? (risos) Eu fiz uma palestra no Instituto de Letras e expliquei isso.*

### **19. Com relação às línguas africanas faladas no Brasil, o que a senhora nos diz?**

Resp. *Ninguém fala nenhuma língua africana aqui no Brasil! O que ocorreu aqui foi um acaso extraordinário: dos 4 milhões de falantes africanos que aqui chegaram, 75% vieram de línguas aparentadas, ou seja, de um tronco comum: o proto-banto. Logo, eles sentiram a necessidade de criar uma língua franca que foi dirigida pela língua dos majoritários, ou seja, ‘quicongos’ e ‘quimbundos’. Nas comunidades quilombolas, o que encontramos é um português africanizado pelas línguas angolanas: o ‘quicongo’ e o ‘quimbundo’. No dia em que os linguistas e filólogos brasileiros admitirem que os 4 milhões de africanos no Brasil não eram mudos, ou seja, falavam sua língua materna, eles terão que reescrever tudo o que se sabe - sobre a língua portuguesa, até então.*

### **20. Existe racismo na África?**

Resp. *Não, a cor branca incomoda aqui, lá não. Lá, o racismo é étnico: um negro contra outro. O racismo existe aqui no Brasil. A África é o outro lado da vida, o reverso da medalha. Também não há problemas com o gênero, é tudo natural.*

### **21. E a religião predominante, lá?**



Resp. *Eles não chamam de religião e sim de culto, tradição. Cada cidade cultua um orixá. Aqui é que se mistura tudo. O candomblé, a capoeira... são criações brasileiras. Até as roupas do candomblé aqui no Brasil foram copiadas dos portugueses. O que foi herdado dos africanos foram os cânticos, os orixás, as culturas. O resto é copia dos portugueses. Por exemplo, na Nigéria temos três grupos predominantes: 'iorubás' ao oeste, 'ibos' no leste e 'hauçás' no norte. São três etnias completamente independentes, com três religiões diferentes, três meios de vida e que convivem no mesmo espaço político-administrativo.*

## **22. E a senhora tem algum time de futebol?**

Resp. *Sim, sou apaixonada pelo Bayern de Munique, da Alemanha. Assisto a todos os jogos deles. Só não torço pelo Brasil (risos).*

## **23. Qual foi o seu maior aprendizado com relação à cultura da África?**

Resp. *Com os africanos, aprendi a não temer a morte. Para eles, o espírito é eterno e a vida é sempre um estar fazendo o passado no presente, e no futuro imediato. Por isso quando eu morrer, quero voltar árvore porque ela é o único ser vivo que morre em pé. Também quero que as minhas cinzas sejam colocadas naquela linda árvore que fica na entrada da UNEB do Cabula.*

## **24. A senhora concorda que a humanidade seja afrodescendente?**

Resp. *A humanidade nasceu afrodescendente, mas não nasceu necessariamente negra. A África não é um continente negro. Quem o chamava assim, eram os traficantes de negros. Afrodescendentes somos todos nós.*

## **25. E como a senhora definira a situação linguística na Brasil?**

Resp. *O Brasil não é um país monolíngue. Aqui ainda existem 180 línguas indígenas sendo faladas. Fora os falares crioulos, o portunhol... Temos uma Amazônia indígena, um*

*Nordeste negro e um Sul misto. Falamos o português africanizado, para mais, os menos escolarizados, ou, para menos, os mais escolarizados.*

**26. Estive no Museu da Língua Português e fiquei muito orgulhosa em ver teu nome lá nas contribuições das línguas africanas para o português do Brasil.**

*Resp. Pois é, inclusive estive lá no ano passado e disse que será preciso atualizar a parte das línguas africanas para as quais eu contribuí. E eu já enviei as atualizações que devem ser feitas, mas eles ainda não fizeram. Porque em relação às línguas africanas, a cada dia surge uma teoria, a cada dia uma novidade. Na África subsaariana a coisa é mais grave ainda, sobretudo em Angola porque eles passaram por 25 anos em guerra. Agora é que estão redescobrimdo tudo.*

**27. Algum projeto atual em andamento?**

*Resp. Nesse momento estou indo para Angola, a fim de cumprir uma promessa antiga de fazer o Pós-Doutorado lá. Em uma conferencia que fiz em um congresso lá há uns dois anos, eu prometi publicamente para um auditório de cerca de umas mil e duzentas pessoas de que faria o pós-doutorado em Angola, pois já havia feito o mestrado na Nigéria, o doutorado no Zaire, e agora só falta estudar em Angola. . Estou indo para lá ver isso.*

**28. Obrigada, pró, só tenho que agradecer pela entrevista. Para encerrar, deixe aqui uma mensagem para a nova geração de pesquisadores linguistas que está sendo formada.**

*Resp. Espero que daqui para frente, agora já com essa abertura toda em relação à África, com bolsas e intercâmbios para estudantes, haja realmente, sobretudo na parte das línguas, abertura grande e um conhecimento maior. E que diminua as discriminações com as línguas negroafricanas que aqui são tratadas de dialetos, mas que são línguas capazes como qualquer outra língua do mundo de fazer o que quiserem. E, quando não são capazes, fazem como qualquer língua do mundo: tomam empréstimos. Mas são línguas maravilhosas, de uma*

*sonoridade incrível, sobretudo porque são vocalizadas, vocalização essa herdada pelo português do Brasil.*

Recebido em: 18 de novembro de 2013.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2013.

